

PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA DO RACISMO EXPLÍCITO NO FILME *TEMPO DE MATAR*

*Jéssica Naiara Borges*¹

*José Luiz Tomacheski*²

*Walisson Sanches Leal*³

*Orientadora: Marina Silveira Lopes*⁴

RESUMO

O racismo é uma das faces mais perversas da História da humanidade, tendo atingido seu ápice no período da escravização do negro no continente africano e deixando marcas que perduram na sociedade até os dias atuais. O filme *Tempo de Matar*, dirigido pelo controverso cineasta americano Joel Schumacher, no ano de 1996, retrata esta realidade de abuso e racismo em relação ao negro, que é vítima de uma cultura, pautada na intolerância e em valores distorcidos, que se propaga por várias gerações em todo ocidente, influenciado pelo pensamento europeu de superioridade em relação aos outros povos. Pretende-se aqui, analisar sob um olhar antropológico o tema abordado no filme, o fenômeno social do racismo, suas origens, a relação dele com a ciência e os desdobramentos ocasionados em decorrência deste no seio da sociedade ocidental. Para tanto, utilizou-se dos conceitos de diversos teóricos sobre raça, preconceito a partir da teoria darwinista, bem como o tardio rompimento deste pensamento, principalmente a partir das ideias do antropólogo Claude Lévi-Straus, que representou um avanço no modo de se ver o semelhante enquanto indivíduo da raça humana, independente de fenótipo e cor de pele. O filme traz diversos pontos que podem ser relacionados com esta evolução do pensamento em relação ao racismo, o que possibilita traçar um paralelo entre suas origens, a compreensão que predominou até meados do século XX, os aspectos que representaram alguma mudança neste paradigma e as sequelas que persistem e perpetuam-se no seio da sociedade, tornando impossível estabelecer uma condição de igualdade entre os indivíduos que independa de suas características fenotípicas.

Palavras-chave: *Tempo de Matar*. Antropologia. Racismo.

ABSTRACT

¹Jéssica Naiara Borges. Aluna do III Termo do Curso de Bacharelado em Direito da AJES – Faculdade do Vale do Juruena, Juina – MT. Email: jessicanaiara.boorges@gmail.com

²José Luiz Tomacheski. Aluno do III Termo do Curso de Bacharelado em Direito da AJES – Faculdade do Vale do Juruena, Juina – MT. Email: sdtomacheski@gmail.com

³Walisson Sanches Leal. Aluno do III Termo do Curso de Bacharelado em Direito da AJES – Faculdade do Vale do Juruena, Juina – MT. Email: walisson.leal@outlook.com

⁴Marina Silveira Lopes. Profa. Ma. do Curso de Bacharelado em Direito da AJES – Faculdade do Vale do Juruena, Juina-MT. Email: marinaslopes@terra.com

PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA DO RACISMO EXPLÍCITO NO FILME *TEMPO DE MATAR*

Racism is one of the most perverse faces in the history of humanity, having reached its apex in the period of black enslavement on the African continent and leaving marks that persist in society until the present day. The film *Time of Killing*, directed by the controversial American filmmaker Joel Schumacher, in 1996, portrays this reality of abuse and racism in relation to the black, who is the victim of a culture, based on intolerance and distorted values, which is propagated by Generations across the West, influenced by European thinking of superiority over other peoples. The aim of this paper is to analyze the social phenomenon of racism, its origins, its relationship with science and the developments that have occurred as a result of this in the heart of Western society. In order to do so, it was used the concepts of diverse theorists about race, prejudice from the Darwinian theory, as well as the late break of this thought, mainly from the ideas of the anthropologist Claude Lévi-Straus, who represented an advance in the way of seeing The like as an individual of the human race, independent of phenotype and skin color. The film brings several points that can be related to this evolution of thought in relation to racism, which makes it possible to draw a parallel between its origins, the understanding that prevailed until the middle of the twentieth century, the aspects that represented some change in this paradigm and the sequels That persist and perpetuate themselves within society, making it impossible to establish a condition of equality between individuals that is independent of their phenotypic characteristics.

Keywords: *A Time to Kill*. Anthropology. Racism.

1. INTRODUÇÃO

Atualmente, estudos demonstram que o ser humano possui uma matriz comum em sua origem e que as diferenças fenotípicas ocorreram posteriormente, decorrentes das adaptações ao meio no qual se desenvolve os indivíduos. Tendo assim, suporte científico para afirmar que a evolução biológica não se sustenta quanto ao tema fenômeno do racismo e, sim, está totalmente centrado nas condições socioculturais de cada sociedade. Ao longo da história identificamos processos de escravização condicionados as lutas e as conquistas de territórios. Como presenciamos, na Idade Antiga e Média, mas é na passagem da Idade Moderna para a Contemporânea que vimos as maiores atrocidades envolvendo a escravização.

A escravização da etnia negroide subsaariana⁵ foi protagonista de inúmeros acontecimentos desumanos ao ser tratada como mera mercadoria para a dinamização da passagem do mercantilismo para o capitalismo. No período colonial, nas Américas, os povos tradicionais foram os primeiros a serem escravizados, entretanto, em cada particularidade

⁵ O termo refere-se às sociedades tradicionais existentes no continente africano, localizadas ao sul do deserto do Saara, que foram escravizadas durante o processo de colonização a partir do século XV.

PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA DO RACISMO EXPLÍCITO NO FILME *TEMPO DE MATAR*

desse continente, eles não se permaneceram como escravos, entrando logo em cena os povos negros da África.

A travessia transatlântica durava em torno de 45 anos ao longo de três séculos. Os negros escravizados nas Américas foram conquistando sua liberdade passo a passo. Com muita luta e resistência conseguiam comprar cartas de alforria e desencadearam a abolição nos países que se utilizavam dessa mão de obra. Entretanto, mesmo com o findar século XIX, essa população de ex-escravizados não foi bem aceita pelos brancos, principalmente, em função da teoria darwinista que serviu para os interesses da classe dominante. A possibilidade trazida por Charles Darwin de que a evolução das espécies teria partido de que o ser humano veio de um ancestral comum, foi interpretada como se os seres humanos tivessem vindo do macaco. Assim sendo, pelas características fenotípicas, os negros seriam uma raça inferior que estavam em processo de evolução rumo aos grupos caucasoides⁶.

Com a inferioridade dos negros imposta pelo período da escravização e teoria darwinista fizeram nascer o racismo. A história seguiu seu curso e a distância entre negros e brancos foram se alargando, agora não mais geográficas, mas sim étnico-cultural. Pensando nesse devir histórico propomos analisar no filme *Tempo de Matar* toda essa construção social do racismo. Um clássico do cinema americano que foi dirigido por Joel Schumacher de 1996.

O filme retrata uma realidade muito presente, seja numa cidade do interior dos Estados Unidos, na década de 1990, seja no Brasil, desde o período de sua colonização até os dias atuais, em que os negros são discriminados sistematicamente, submetidos as mais cruéis atrocidades e não tendo seus direitos básicos respeitados, até mesmo quando se trata das instituições que teriam por dever propiciar justiça social e igualdade a todos.

A metodologia utilizada para a realização deste estudo foi a de relacionar cenas presentes no filme, que apontam a temática do racismo, com a realidade observável nos estudos antropológicos de diversos pesquisadores. A pesquisa literária propicia traçar-se cronologicamente a evolução do pensamento ocidental no que se refere às questões relacionadas com o racismo e a influência da ciência neste contexto.

A dinâmica do filme *Tempo de Matar*, do qual se trará um breve resumo logo em seguida para melhor compreensão, proporciona uma reflexão sobre a deturpação dos valores

⁶ Trata-se de uma divisão da espécie humana de origem europeia, norte africano ou a parte oeste do oriente, que possuem características físicas e traços genéticos comuns, notadamente brancos ou pardos, também conhecidos como caucasianos.

PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA DO RACISMO EXPLÍCITO NO FILME *TEMPO DE MATAR*

que cultivamos nos dias atuais no que se refere racismo. Esse tipo de violência tão presente no nosso cotidiano precisa ser combatido em suas raízes, com foco na educação e na quebra de paradigmas, e não unicamente com políticas públicas de caráter compensatório como se evidencia nos tempos atuais no Brasil.

2. *TEMPO DE MATAR: O RACISMO SOB A ÓTICA DA SÉTIMA ARTE*⁷

A produção Hollywoodiana de 1996, passa-se na cidade de Canton, no Estado do Mississippi, sul dos Estados Unidos e retrata a história de Carl Lee Hailey, um pai negro, que após ter sua filha de 10 anos estuprada e torturada por dois jovens brancos, decide assassiná-los momentos antes de serem ouvidos no tribunal e, conseqüentemente, postos em liberdade como dispunha a jurisprudência local.

Após concluir seu objetivo e matar a tiro os dois rapazes, quando dirigiam-se para o tribunal, e sem esboçar nenhum tipo de tentativa de fuga, o homem é pego pela polícia, e, confessando a autoria do delito, é encarcerado até que seja julgado. Seu defensor, Jake Brigance, um jovem advogado, passa a sofrer inúmeras retaliações por parte da comunidade local, tendo que retirar sua família da cidade para garantir-lhes a segurança. A cidade revestida de racismo e preconceito, divide-se em dois grupos, os brancos que exigiam a pena capital para o criminoso e os negros que pediam a absolvição de Carl. O juiz, tendencioso à condenação, nega o pedido de Jake para que o julgamento se desse em outra localidade, dado a impossibilidade de um júri isonômico⁸ diante dos ânimos da população.

O julgamento inicia-se. Todos os jurados são pessoas brancas e a alegação de insanidade mental, utilizada como argumento pela defesa de Carl, parece não estar sendo acatada pelos julgadores. Os argumentos lógicos-rationais da defesa já estavam escasseando-se, indo em direção à condenação do réu. Então, o advogado apela pela emoção e alteridade

⁷ Em 1912, o intelectual italiano Ricciotto Canudo, propôs no seu Manifesto das Sete Artes e Estética da Sétima Arte que o cinema fosse considerado como a sétima arte, aumentando a lista precedente de Hegel. O manifesto foi publicado posteriormente em 1923. Disponível em: <http://www.aphomoioo.org/uploads/3/8/6/7/38676315/o_manifesto_das_sete_artes.pdf> Acesso em 14 de jun, 2017.

⁸ O termo isonômico se refere ao princípio consagrado no Direito que apregoa igualdade de todos perante a lei, sem distinção de qualquer natureza. Assim, de acordo com tal princípio, os méritos iguais devem ser tratados de modo igual, e as situações desiguais, desigualmente, já que não deve haver distinção de classe, grau ou poder econômico entre os homens. Disponível em: < <http://www.direitonet.com.br/dicionario/exibir/888/Isonomia> Acesso em: 14 de jun, 2017.

PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA DO RACISMO EXPLÍCITO NO FILME *TEMPO DE MATAR*

de cada jurado, fazendo vir à tona o etnocentrismo daquele grupo. Jake lentamente vai narrando o estupro da jovem Tonya Hailey, cada detalhe, enfatizando a idade da criança, a perda de sua meninice e até mesmo a impossibilidade de ser mãe face à violência do crime. O júri, de olhos fechados, ia vivenciando a cena construída com tanta riqueza e veemência pelo advogado, os rostos contorcidos demonstravam dor e escárnio diante das atrocidades e num grande final, quando todos estavam com lágrimas escondidas ele brada: “E essa menina, imaginem que ela seja branca”. O fim da narrativa de Jake promove uma comoção geral e o desespero do júri ao perceber o quão racista era, decide pela absolvição de Carl.

Tempo de Matar nos remete à reflexões mais íntimas do que é ser humano, o que é raça, racismo e preconceito, pois, hoje, sabe-se pela ciência que independentemente do aspecto físico, da cor da pele ou qualquer outra característica biológica que o diferencie fenotipicamente de outro, todos os seres humanos vieram de um ancestral comum, por isso a raça biológica é somente uma, a *Homo sapiens*. Dawkins sugere, como hipótese, seja selecionada duas pessoas “retroceda e, mais cedo ou mais tarde, você chegará a um ancestral comum mais recente (ACMR). Você e eu, o encanador e a rainha da Inglaterra, qualquer conjunto de pessoas há de convergir para um único ancestral (ou um casal).⁹

Partindo dessa premissa qualquer tentativa de diferenciar ou de desqualificar qualquer pessoa torna-se infundada. Entretanto, este entendimento é bastante recente, tanto que a classificação de pessoas por “raça” ainda é bastante comum, mesmo tendo-se a convicção científica, seja em se tratando de genética ou pelo viés antropológico, que todos os seres humanos pertencem à mesma raça, a humana, e que as diferenças fenotípicas existem em decorrência da adaptação do indivíduo ao meio em que vive.

Este comportamento racista está presente no filme *Tempo de Matar* quase que em sua totalidade. As diferentes formas de violência apresentadas decorrem do sentimento de superioridade de uma parcela da população, composta por brancos, que subjagam os negros como se distintos fossem, não somente em sua aparência física, mas em sua essência enquanto ser humano, dotado de sentimentos como qualquer outro. Tal comportamento pode ser entendido levando-se em conta que desde a idade clássica, os povos europeus buscaram ampliar seu território, através da conquista de civilizações cada vez mais distantes. Essa prática se expandiu significativamente com o implemento da navegação marítima, já no início

⁹DAWKINS, Richard. A Grande História da Evolução : Na Trilha dos Nossos Ancestrais. Companhia das Letras, 2009, p. 62.

PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA DO RACISMO EXPLÍCITO NO FILME *TEMPO DE MATAR*

Idade Moderna, principalmente após o século XVIII, quando as potências europeias passam expandir seu território em direção à África e as Américas sob o argumento de serem eles a raça superior, branca e monoteísta, portanto civilizada. Tais argumentos foram ratificados pela própria ciência, que partindo do evolucionismo de Darwin, julgava que os indivíduos de pele clara estavam em um estágio evolutivo mais avançado em relação ao negro, justificando assim sua superioridade.

Esta maneira de pensar, pautada na premissa da existência de uma linha evolutiva contínua, em conjunto com o anseio de conquistar cada vez mais território e riquezas, fez com que os negros africanos, inferiores segundo o etnocentrismo europeu, fossem dominados, raptados de suas terras, escravizados e utilizados como fonte de mão de obra, principalmente no Novo Mundo¹⁰, onde as tentativas iniciais de escravização da população autóctone¹¹ para este fim foram, em sua grande maioria, frustradas.

A respeito desta desastrosa incursão de conquista dos europeus no continente africano Marina de Andrade Marconi e Zelia Maria Neves Presotto apontam que:

Ao se considerar a condição do negro em seu continente de origem, depara-se com culturas diversificadas, plasmadas pelos variados grupos que adotaram padrões culturais e comportamentos sociais bem específicos. Alguns grupos praticavam culturas bem primitivas; outros apresentavam níveis culturais mais elevados; e outros ainda se desenvolviam sob a influência islâmica, dando origem a estruturas políticas, econômicas e sociais bem significativas. Os diversos níveis culturais podiam ser identificados pelos conhecimentos das atividades coletoras e agrícolas, pela presença da habitação e da cerâmica, e por níveis mais adiantados ainda, que foram rompidos quando o homem branco, na sua ambição e cobiça, passou a apresar e a escravizar o homem negro, iniciando o comércio negreiro para sustento do regime escravagista.¹²

Este modelo de conquista e colonização do europeu trouxe a desigualdade para um patamar inimaginável. Povos inteiros foram devastados ou transformados em mão-de-obra, sempre sob ideia de hierarquização de raças, menos evoluída, não civilizada, e pagã, portanto, teria que receber civilidade e monoteísmo da sociedade complexa, a europeia.

¹⁰ Segundo Eduardo de Freitas “Novo Mundo é um termo criado pelos europeus para designar o continente americano. A expressão teve seu uso difundido no período do descobrimento do novo continente, a América, pois até então era desconhecido pelos europeus, vindo a ser algo novo em relação aos continentes já conhecidos”. Disponível em: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/a-divisao-mundo-acordocomvisao-eurocentrista.htm>> Acesso em 14 de jun, 2017.

¹¹ Segundo o Priberam Dicionário, autóctone se refere à população que pertence ao povo natural de um território. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/aut%C3%B3ctone>> Acesso em 14 de jun, 2017.

¹² MARCONI, Marina de Andrade & PRESOTTO, Zelia Maria Neves. Antropologia : Uma Introdução – 7. ed. – 6. reimpr. – São Paulo : Atlas, 2014, p. 270.

PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA DO RACISMO EXPLÍCITO NO FILME *TEMPO DE MATAR*

No filme esse sentimento de superioridade da sociedade branca em relação aos negros é marcado em cada cena. Quando o pai de Tonya procura o jovem advogado Jake para que este lhe esclarecesse qual seria o procedimento tomado pela justiça em relação aos algozes de sua filha, e tem como resposta que eles, apesar dos inescrupulosos atos cometidos, possivelmente seriam postos em liberdade e, levando-se em conta que o mesmo não ocorreria em se tratando de uma vítima branca, principalmente se os criminosos fossem negros, se evidencia uma condição de superioridade do branco, mesmo no âmbito da justiça, de deixa transparecer uma total e completa desigualdade de tratamento entre ambos.

Esta situação não é algo, meramente fictícia do roteirista, ela foi gerada por séculos. A ideia de que toda e qualquer sociedade fora dos requisitos da sociedade complexa europeia eram inferiores, ocupou o pensamento ocidental, respaldando-se por todos os seguimentos da sociedade e respectivas instituições, como estado, igreja entre outras. A própria antropologia tardou em estabelecer contestações que pudessem desqualificar esta maneira equivocada de se ler o outro. A antropologia do distante começou a ser reformulada por Franz Boas¹³, que manifestas os primeiros estudos com relação à cultura e o trabalho de campo. Mais tarde o estruturalista Lévi-Strauss aponta que:

...o pecado original da Antropologia consiste na confusão entre a noção puramente biológica de raça (supondo, aliás, que, mesmo neste terreno limitado, esta noção pudesse pretender à objetividade, o que a Genética moderna contesta) e as produções sociológicas e psicológicas das culturas humanas.¹⁴

Esta demora, certamente contribuiu para a manutenção de uma do pensamento racista que perpetuar-se-ia até os dias atuais. No filme *Tempo de Matar* perceber-se a segregação racial¹⁵ em diversas instâncias da sociedade local. Igrejas destinadas aos negros, induzindo à

¹³ Franz Boas, em sua crítica ao evolucionismo, contida em seu artigo “The Limitation of the Comparative Method of Anthropology, atribui à antropologia a execução de duas tarefas: a reconstrução da história de povos ou regiões particulares e a comparação da vida social de diferentes povos, cujo desenvolvimento segue as mesmas leis. Além disso, aponta a necessidade de ser comprovada a possibilidade de os dados serem comparados, propondo a comparação dos resultados obtidos através dos estudos históricos das culturas simples e da compreensão dos efeitos das condições psicológicas e dos meios ambientes. (LARAIA, 1986, p. 35)

¹⁴ LÉVI-STRAUS, Claude. Antropologia Estrutural Dois. – 4ª ed. – Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1993, p. 329.

¹⁵ Segundo aponta Isabela Fernandes Pereira, a palavra segregação nos remete a termos como isolamento e separação. Quando relacionada ao termo racial, segregação significa isolar uma parte da população que tem uma etnia considerada diferente ou inferior por um preconceito da sociedade. Disponível em: <http://ofelia.com.br/_arquivos/files/tcc2012_trab/Isabela%20Fernandes%20Pereira.pdf> Acesso em 14 de jun, 2017.

PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA DO RACISMO EXPLÍCITO NO FILME *TEMPO DE MATAR*

existência das igrejas para os brancos, há também a referência de bairros de negros. Todavia, o agravante é a diferença de tratamento étnico pela justiça, demonstrando que o racismo, o preconceito e a segregação são fenômenos sociais institucionalizados, legitimados e legalizados pela sociedade.

Com o desenvolvimento científico, principalmente em decorrência das mudanças trazidas pelo Iluminismo, existe a necessidade de busca de provas e evidências para se tomar como certas determinadas verdades até então incontestáveis. As questões de raça também passam a ser analisadas segundo a ótica científica, entretanto, o que poderia ser algo positivo no que se refere à igualdade entre os indivíduos ainda sofre a forte influência das premissas culturais até então aceitas de que as sociedades diferenciavam-se entre si e que isso de alguma forma tornava uma delas superior em relação à outra.

3. O RACISMO E SUA ÍNTIMA RELAÇÃO COM A CIÊNCIA

Na Idade Média qualquer tipo de manifestação que contestasse a teoria criacionista no ocidente, era diretamente condenada pela Igreja Católica. A ideia de que o ser humano era fruto da vontade e criação de Deus era inquestionável. Esta certeza começou a ser abalada com o Renascimento que promoveu passagem do teocentrismo para o antropocentrismo, entre os séculos XIV a XVI. Mas foi com o Iluminismo que a procura por respostas mais efetivas para os dilemas da humanidade fez florescer a razão, como força motriz da humanidade, a busca pelo conhecimento pela ciência, a criação de métodos e o empirismo.

Conforme a ciência ganhava força, cada vez mais as ideias criacionistas perdiam-se no tempo. Entretanto, o que poderia significar uma mudança de paradigmas¹⁶ no que se refere a distinção entre os povos, afinal, as conquistas, o extermínio e a escravidão, eram até então, pautadas no preceito de que os conquistados (fossem indígenas ou negros) não possuíam espírito, sendo portanto criaturas inferiores, foi substituída pela ideia, amparada pela ciência, de que determinadas sociedades estariam em um estágio evolutivo inferior ao que se entendia como ser humano civilizado.

¹⁶ Thomas S. Kuhn conceitua paradigma como “As realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência”. (KUHN, 1998, p.13)

PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA DO RACISMO EXPLÍCITO NO FILME *TEMPO DE MATAR*

Esta contradição nos possibilita compreender a maneira com a qual o negro foi inserido, como homem livre, na sociedade. Sem direitos, sem perspectiva e submetido a uma cultura que o tinha como um indivíduo inferior, digno de repulsa e que deveria ser mantido afastado do convívio da sociedade civilizada, pois não compunha o mesmo desenvolvimento evolutivo desta.

Interpretações errôneas a cerca da evolução do ser humano, apesar de já superadas pela ciência, persistem em compor o modo como as pessoas veem o mundo. Crenças como a do determinismo biológico estão presentes no imaginário social¹⁷. LARAIA (1986) aponta que: “São velhas e persistentes as teorias que atribuem capacidades específicas inatas a “raças” ou a outros grupos humanos”.¹⁸ Mesmo sendo uma afirmação feita a mais de trinta anos, ela se mostra bastante atual e absolutamente determinante no filme *Tempo de Matar*. É perceptível que a comunidade via os negros como biologicamente inferiores, vivendo em um mesmo ambiente, mas mantendo-se separados pelo preconceito exacerbado da maioria branca.

Relevante para esta ideia encontra-se os desdobramentos científicos apregoados a partir da teoria do evolucionismo de Darwin. LARAIA, ao buscar entender o contexto histórico em que Tylor¹⁹ desenvolveu seus estudos, aponta que: “O seu livro foi produzido nos anos em que a Europa sofria o impacto da Origem das espécies, de Charles Darwin, e que a nascente antropologia foi dominada pela estreita perspectiva do evolucionismo unilinear”²⁰, que compreendia a evolução como uma linha contínua, em que as civilizações menos complexas eram vistas como se estivessem em um estágio anterior ao ápice evolutivo, que tinha como parâmetro a sociedade europeia.

Esta forma de pensar e entender as diferenças permaneceram por muitos anos inalteradas, tendo inúmeros estudiosos que acompanhavam tal entendimento. Melo (1987), afirma que: “O período de construção da antropologia foi dominado, inteiramente, pela

¹⁷ Conforme aponta Denis Moraes, “O imaginário social é composto por um conjunto de relações imagéticas que atuam como memória afetivo-social de uma cultura, um substrato ideológico mantido pela comunidade”. Disponível em: < <http://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=297>> Acesso em 14 de jun, 2017.

¹⁸ LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. 26ª reimpressão : 2014 – Rio de Janeiro, 1986, p. 17.

¹⁹ Edward Burnett Tylor foi um importante antropólogo britânico filiado à escola antropológica do evolucionismo social. Nascido em 1832, sua principal obra foi *Primitive Culture*, de 1871. Tylor faleceu aos 84 anos, deixando uma vasta contribuição para o estudo das ciências antropológicas.

²⁰ LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. 26ª reimpressão : 2014 – Rio de Janeiro, 1986, p. 33.

PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA DO RACISMO EXPLÍCITO NO FILME *TEMPO DE MATAR*

orientação evolucionista. Pode-se dizer que o evolucionismo era uma forma otimista de encarar a realidade humana”.²¹ Edward Tylor, o primeiro a utilizar o termo cultura, compartilhava deste entendimento ao tentar estabelecer a relação entre a cultura e a evolução humana:

Por um lado, a uniformidade que tão largamente permeia entre as civilizações pode ser atribuída, em grande parte, a uma uniformidade de ação de causas uniformes, enquanto, por outro lado, seus vários graus podem ser considerados como estágios de desenvolvimento ou evolução (...)²²

Se esta demora para centrar o entendimento na igualdade dos seres humanos não foi definidora, ao menos exerceu forte influência no pensamento da civilização ocidental e contribuiu para o preconceito em relação aos negros. No filme, na cena da violência sexual, os perpetradores do ato não demonstravam nenhum tipo de remorso ou arrependimento, ficou evidente que eles não a consideravam uma menina igual às meninas brancas, que deveriam ter respeito e proteção, mas, pelo contrário, eles a tinham como um objeto de prazer sórdido e animalesco, como um animal qualquer que poderiam, por sua condição superior, usufruir da maneira que melhor lhes conviessem.

A mudança quanto ao entendimento da evolução unilinear só se deu para a ciência no século XX, quando a antropologia passou a compreender a cultura não mais como uma linha de desenvolvimento uniforme. LÉVI-STRAUSS (1993) denota que os progressos que a humanidade realizou desde suas origens são manifestamente brilhantes, de forma que qualquer tentativa de analisá-los e discuti-los se reduziriam a um mero exercício de retórica, não sendo possível, como se supunha até então, ordená-los em uma série regular e contínua.²³ Para ele:

Isso significa duas coisas: inicialmente, que o “progresso” (se é que este termo ainda convém para designar uma realidade bem diferente daquela à qual nos dedicáramos inicialmente) não é nem necessário, nem contínuo; procede por saltos, pulos, ou, como diriam os biólogos, por mutações. Esses saltos e pulos não consistem em ir sempre além na mesma direção; acompanham-se de mudanças de orientação, um pouco à moda do cavalo do xadrez, que sempre diversa progressões à sua disposição, mas nunca no mesmo sentido. A humanidade em progresso em nada se parece com um personagem subindo uma escada, acrescentando por cada um de seus movimentos um novo degrau a todos os outros que já tivesse conquistado; evoca

²¹ MELO, Luís Gonzaga de. Antropologia cultural: iniciação, teorias e temas. – Petrópolis – Vozes, 1987, p. 203.

²² TYLOR, Edward apud LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. 26ª reimpressão : 2014 – Rio de Janeiro, 1986, p. 30.

²³ LÉVI-STRAUS, Claude. Antropologia Estrutural Dois. – 4ª ed. – Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1993, p.341.

PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA DO RACISMO EXPLÍCITO NO FILME *TEMPO DE MATAR*

antes o jogador, cuja chance está dividida em muitos dados e que, cada vez que os lança, os vê se espalharem no pano, ocasionando contas bem diferentes.²⁴

É possível notar a significativa ruptura que o estruturalismo²⁵ de Lévi-Strauss traz ao entendimento antropológico. Admitir a multilinearidade evolutiva é apontar para uma igualdade de condições entre todos os indivíduos, independente de sua origem étnica, de sua cor de pele ou das manifestações culturais das quais estes sejam adeptos. MELO (1987), classifica a teoria estruturalista de Lévi-Strauss como louvável e proveitosa, dado sua visão globalizante do fenômeno cultural,²⁶ visto que trouxe novos parâmetros para o estudo antropológico que proporcionariam uma mudança, mesmo que lenta, nas questões relacionadas à igualdade.

Esta mudança e a dificuldade para a adaptação do entendimento neste sentido também podem ser representadas no filme *Tempo de Matar*. Em determinado momento, em um diálogo com seu cliente, o advogado *Jake* afirma uma condição de igualdade entre eles, apontamento que é logo refutado por *Carl*, que traz à luz as diferenças, deixando claro que, naquela sociedade, admitir qualquer tipo de igualdade entre eles não passaria de uma inverdade, que só serviria para distorcer uma realidade irrefutável.

Isto traz à luz que, para uma real mudança não depende unicamente de uma nova convicção, mas sim, de uma complexa reconstrução da maneira de pensar, que busque não somente mitigar o racismo e estabelecer uma inverídica condição de igualdade, mas que possa modificar o cerne do problema, o ideário humano, a forma como o indivíduo se relaciona com o seu semelhante, e que esta semelhança ultrapasse a barreira do fisicamente semelhante, e alcance o real sentido de igualdade.

Com o passar do tempo e certamente devido ao novo entendimento científico que, embora tardio, desvelou uma nova realidade quanto à igualdade dos indivíduos, apontando que, independente de qual grande grupo étnico este pertença, todos são da raça humana e estando no mesmo estágio cronológico-evolutivo, sendo que as diferenças residem

²⁴ Op. cit. p. 342.

²⁵ Para J. Francisco Saraiva de Souza: “O estruturalismo é, em grande medida, uma criação de Claude Lévi-Strauss (1908-2009). Lévi-Strauss encara as culturas como sistemas de signos partilhados, estruturados de acordo com princípios que governam o funcionamento do espírito humano que os gera”. (SOUZA, 2012, p. 01) Disponível em: < <http://desenredos.dominiotemporario.com/doc/15-ens-JSaraiva-LeviStrauss.pdf> > Acesso em 14 de jun, 2017.

²⁶ MELO, Luís Gonzaga de. Antropologia cultural: iniciação, teorias e temas. – Petrópolis – Vozes, 1987, p. 276.

PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA DO RACISMO EXPLÍCITO NO FILME *TEMPO DE MATAR*

unicamente no desvencilhar do dinamismo cultural que não obedece um padrão comum, mas sim se revela nas mais diferentes formas nos mais distintos lugares do planeta.

O próximo desafio, e talvez o mais difícil, é fazer com que essas diferenças perpetuadas por séculos possam ser dirimidas, não só no sentido prático, mas na consciência e na essência dos seres humanos. Algumas mudanças já podem ser sentidas. A parcialidade no julgamento do réu negro no filme *Tempo de Matar* ficou muito evidente e certamente é um retrato do que foi o Direito americano. Em outubro de 2016, a Suprema Corte Americana, anulou decisões de três tribunais estaduais que consideraram aceitáveis manifestações preconceituosas por parte de um jurado²⁷. Esta decisão contraria o princípio da soberania do júri, consagrado há mais de dois séculos, e representa uma significativa mudança no cenário jurídico americano.

No Brasil, são muitas as políticas voltadas à busca da igualdade entre os indivíduos. Em 2010, o Presidente da República sancionou a Lei n. 12.288, instituindo o Estatuto da Igualdade Racial, que traz, entre diversas providências que:

Art. 1º Esta Lei institui o Estatuto da Igualdade Racial, destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica.²⁸

Já em 2013, foi aprovado o Decreto 8.136, que regulamenta o Sistema Nacional de Promoção da Igualdade Racial, a fim de constituir forma de organização e de articulação voltadas à implementação de políticas e serviços destinados a superar as desigualdades raciais existentes no País.²⁹ Percebe-se que não são poucas as iniciativas que visam dirimir as desigualdades, entretanto, é bastante comum nos depararmos com atitudes e ações preconceituosas, seja na mídia, nas redes sociais ou mesmo nas relações cotidianas, o que evidencia que a realidade retratada no filme *Tempo de Matar* nem de longe foi superada. Ela permanece bastante presente e pode ser sentida em todas as camadas sociais.

²⁷MELO, João Ozorio de. Contra racismo, Suprema Corte dos EUA abre brecha na soberania do júri. Disponível em: <<http://www.conjur.com.br/2017-mar-09/suprema-corte-eua-abre-brecha-soberania-juri>> Acesso em 30 de mar, 2017.

²⁸ Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112288.htm> acesso em 03 de Abr, 2017.

²⁹ Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Decreto/D8136.htm> acesso em 03 de Abr, 2017.

PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA DO RACISMO EXPLÍCITO NO FILME *TEMPO DE MATAR*

Um teste, vinculado na TV aberta brasileira pela TV escola, realizado com profissionais de RH, mostra o racismo institucional. Dois grupos de pessoas são convidados a examinar imagens de indivíduos realizando atividades do cotidiano, a diferença é que para um grupo os indivíduos são brancos enquanto no outro são negros. As percepções dos grupos, para as mesmas atividades, obtêm resultados absolutamente diferentes. Os negros sempre são vistos depreciativamente em relação aos brancos, como empregados, vândalos e até ladrão, enquanto os brancos, como patrões, empresários, artistas, etc.³⁰

Este teste demonstra que a realidade da nossa sociedade não é tão diferente da que se evidencia na sociedade americana retratada no filme e que as armas que estão sendo usadas para este combate não estão surtindo os efeitos esperados. Enquanto se criam políticas públicas para tentar algum tipo de compensação em relação à população negra, pouco se faz para atingir o problema na sua origem, que está na essência do indivíduo, na sua percepção de mundo e no rompimento com os errôneos valores culturais que tendem em classificar e compartimentar a sociedade.

O caminho para a mudança precisa vir da conscientização, da valorização, da educação desde a escola básica até os bancos universitários. O discurso do jovem advogado *Jake*, no qual ele invoca o senso de igualdade dos jurados, fazendo com que estes se colocassem na condição do outro, demonstra que, mesmo quando tudo parece estar perdido, ainda há esperança, e essa esperança deve pautar-se no real valor de justiça e de igualdade entre todos os seres humanos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que o fenômeno do racismo, tão bem retratado no clássico do cinema americano *Tempo de Matar* não é algo novo, tampouco está limitado em determinadas áreas ou camadas da nossa sociedade ocidental. Muito pelo contrário, ela tem origem na cultura humana e na tendência a depreciar tudo aquilo que lhe parece diferente do que habitualmente se vive.

³⁰Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=aAOJWIjhaLk> > Acesso em 03 de Abr, 2017.

PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA DO RACISMO EXPLÍCITO NO FILME *TEMPO DE MATAR*

O etnocentrismo europeu, ou o eurocentrismo, espalhou-se pelo mundo e deixou profundas marcas nas sociedades que não se enquadravam no que era estabelecido como padrão. Entre todas as atrocidades cometidas, talvez a pior tenha sido a escravização das sociedades africanas, que, mesmo séculos após o fim dessa prática, continua incrustado no imaginário das várias pessoas, resultando no racismo, na segregação e no preconceito contra os africanos negros e seus afrodescendentes frutos da diáspora escravagista.

As medidas que buscam corrigir estas mazelas, na sua imensa maioria, não obtêm o resultado adequado, já que não incidem na raiz do problema, mas sim buscam uma espécie de compensação que, de forma geral, não vem. Prova disso é o teste retratado acima. Independente da atividade, da formação, da condição social do negro, o preconceito continua existindo. Por mais bem sucedido que seja, o negro continua sendo visto de forma depreciativa.

Qualquer alteração nessa realidade tem que passar, incontestavelmente, pela educação, sendo ela o único caminho para uma real mudança que busque promover a igualdade. Medidas como estabelecimento de cotas para ingresso na universidade, instituição do dia da consciência negra, legislação específica para proteção dos negros entre tantas outras não passam de meros paliativos e, dependendo do contexto, podem ser vistas como promotoras da desigualdade. Afinal de contas, se falar em igualdade separando os indivíduos por raças parece um tanto quanto contraditório. A mudança tem que ser conceitual, profunda e clara, o que deve se buscar é a igualdade, nos mais diferentes contextos, para que se tenha o filme *Tempo de Matar* como o retrato daquilo que fomos e superamos. E que esta superação seja contínua e plena, até que chegue o dia em que possa-se celebrar a vitória da humanidade no que se refere a igualdade entre todos os indivíduos.

REFERÊNCIAS

BRASIL, **Decreto n. 12.288, de 20 de Julho de 2010.** Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112288.htm> Acesso em 03 de Abr, 2017.

BRASIL, **Decreto n. 8.136, de 5 de Novembro de 2013.** Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Decreto/D8136.htm> Acesso em 03 de Abr, 2017.

PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA DO RACISMO EXPLÍCITO NO FILME *TEMPO DE MATAR*

DAWKINS, Richard. **A Grande História da Evolução : na Trilha dos nossos Ancestrais** / Richard Dawkins ; com a colaboração de Yan Wong ; tradução Laura Teixeira Motta. – São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

FREITAS, Eduardo de. **A Divisão do Mundo de Acordo com a Visão Eurocentrista**. Disponível em: < <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/a-divisao-mundo-acordocom-visao-eurocentrista.htm>> Acessado em: 14 de junho de 2017.

KUHN, Thomas S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. – 5ª edição – Editora Perspectiva S.A. – São Paulo, 1998.

LARAIA, Roque de Barros, 1932 – **Cultura: Um Conceito Antropológico** / Roque de Barros Laraia. – Rio de Janeiro : Zahar, 1986.

LÉVI-STRAUS, Claude. **Antropologia Estrutural Dois**. – 4ª ed. – Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1993.

MARCONI, Marina de Andrade. **Antropologia : Uma Introdução** / Marina de Andrade Marconi, Zelia Maria Neves Presotto – 7. ed. – 6. reimpr. – São Paulo : Atlas, 2014.

MELO, João Ozorio de. **Contra racismo, Suprema Corte dos EUA abre brecha na soberania do júri**. Disponível em: <<http://www.conjur.com.br/2017-mar-09/suprema-corte-eua-abre-brecha-soberania-juri>> Acessado em 30 de mar, 2017.

MELO, Luís Gonzaga de. **Antropologia cultural: iniciação, teorias e temas**. / Luiz Gonzaga de Melo. – Petrópolis – Vozes, 1987.

MORAES, Dênis de. **Imaginário Social e Hegemonia Cultural**. Disponível em: <<http://www.aceessa.com/gramsci/?page=visualizar&id=297>> Acesso em 14 de jun, 2017.

PEREIRA, Isabela Fernandes. **Segregação Racial no Sul dos Estados Unidos**. Colégio Ofélia Fonseca – São Paulo, 2012. Disponível em < http://ofelia.com.br/_arquivos/files/tcc2012_trab/Isabela%20Fernandes%20Pereira.pdf> Acesso dia 14 de jun, 2017.

TEMPO de Matar. Direção: Joel Schumacher. Fotografia: Peter Menzies Jr. Produção: Arnon Milchan, Hunt Lowry, John Grisham, Michael J. Nathanson. Duração: 150 min. – Estados Unidos. Original: A TIME TO KILL, 1996.

SOUZA, J. Francisco Saraiva. **Claude Lévi-Strauss e o Estruturalismo**. – Revista Desenredos. – ano IV – Numero 15 – Terezina-Piauí, 2012. Disponível em: < <http://desenredos.dominiotemporario.com/doc/15-ens-JSaraiva-LeviStrauss.pdf>> Acesso em 14 de jun, 2017.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

CARDOSO, Fernando Henrique. **Superando o Racismo na Escola**. Prefácio à 2ª Reimpressão. Kabengele Munanga, organizador. – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

FREITAS, Leandro. **A Teoria Evolutiva de Darwin e o Contexto Histórico**. – Rev. Bioikos, PUC-Campinas, 1998. Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/bioikos/article/viewFile/954/931>> Acesso dia 16 de mai, 2017.

**PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA DO RACISMO EXPLÍCITO NO FILME
TEMPO DE MATAR**

PEREIRA, Olga Maria Lima. **A Dor da Cor: Reflexões Sobre o Papel do Negro no Brasil.** Cadernos Imbondeiro – João Pessoa, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/ci/article/viewFile/14101/8747>> Acesso em 17 de mai, 2017.

PERIC, Mikael; MURRIETA, Rui Sérgio Sereni. **A Evolução do Comportamento Cultural Humano: Apontamentos sobre Darwinismo e Complexidade.** História, Ciência, Saúde – Manguinhos – Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v22s0/0104-5970-hcsm-22-s1-1715.pdf>> Acesso em 17 de mai, 2017.

SILVA, Irapuã Santana do Nascimento da. **É preciso entender o negro e dar espaço para ele achar sua personalidade.** – 2016. Disponível em: <<http://www.conjur.com.br/2016-nov-20/irapua-silva-dia-consciencia-negra#author>> Acesso dia 03 de Abr, 2017.

<<https://www.youtube.com/watch?v=aAOJWIjhaLk>> Acesso em 03 de Abr, 2017.

<http://www.aphomoioo.org/uploads/3/8/6/7/38676315/o_manifesto_das_sete_artes.pdf> Acesso em 14 de jun, 2017.

<<http://www.direitonet.com.br/dicionario/exibir/888/Isonomia>> Acesso em 14 de jun, 2017.

<<https://www.priberam.pt/dlpo/aut%C3%B3ctone>> Acesso em 14 de jun, 2017.